

O Lugar da Loucura em *Um Cão Uivando para a Lua,* de Antônio Torres

Rogério Gustavo Gonçalves*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a representação da condição do homem moderno no romance *Um cão uivando para a lua*, de Antônio Torres. Como expediente metodológico, avalia-se a exposição do protagonista, de origem rural, ao processo de alienação a que a cidade grande submete os indivíduos. O romance apresenta, de maneira irônica, a situação de sucesso de sujeitos que se adéquam ao sistema, em paralelo à condição de exclusão dos considerados insanos, que refletem sobre a perda de valores éticos. Nesse processo, são retratados os problemas específicos da metrópole moderna, assim como os das regiões periféricas do Brasil, assinalando a falta de lugar para o personagem principal, a quem resta, como último recurso, exilar-se da sociedade.

Palavras-chave: Antônio Torres; Cidade; Sociedade.

Abstract: This paper aims to analyze the representation of the modern human condition in the novel *Um cão uivando para a lua*, by Antonio Torres. As a methodological expedient, I survey the exposure of the protagonist, of rural origin, to the alienation process that the city submits individuals. The novel presents, in an ironic way, the situation of successful people adapted the system, in parallel to the exclusion condition of people considered insane because they meditate on the loss of ethical values. In the process, the specific

*Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP de São José do Rio Preto-SP e professor de Literatura Brasileira no curso de Letras da UNIESP de José Bonifácio-SP. E-mail: rogeriogstvo@yahoo.com.br

problems of the modern metropolis are portrayed, as well as the problems of the peripheral regions of Brazil, noting the absence of space for the main character who have as a last recourse the exile from the society.

Keywords: Antônio Torres; City; Society.

Um cão uivando para a lua, romance de estreia de Antônio Torres, publicado em 1972, foi considerado pela crítica um dos mais significativos lançamentos literários da época, sobretudo pela temática, que aborda algumas questões sociais brasileiras de maneira realista e analítica. Segundo observa o crítico Carlos Nelson Coutinho (2002, p. 184), nesse romance, “nadando contra a corrente”, o autor consegue promover um reencontro da literatura brasileira com a realidade concreta, recusando-se a aceitar as seduções de um “vanguardismo experimentalista neutralizador e estéril” que predominava nesse momento em nossa produção literária.

Com seu fundo de crítica social, o enredo concentra-se na história de um retirante nordestino nas capitais do Sudeste, o personagem identificado pela inicial A. Após uma infância pobre no interior da Bahia, ele se muda para a cidade grande, atraído pela oportunidade de um futuro mais digno, sem a precariedade dominante em sua terra, onde incertas informações da vida urbana povoavam o imaginário dos jovens sertanejos: “e de noite sonhar com as cidades que nunca tinha visto, mas que, por certo, eram bonitas e iluminadas e nas casas os banheiros eram mais limpos e não tinham aqueles porcos fossando no buraco da latrina para lamber a merda.” (TORRES, 2002, p. 62)

Vivendo entre São Paulo e Rio de Janeiro, A., em determinado momento, submerge em conflitos pessoais, devido ao choque de culturas que enfrenta e à impossibilidade de enquadrar-se nos esquemas sociais do mundo capitalista moderno, contrários à sua personalidade. Sucumbindo às pressões profissionais de um universo

urbano baseado na competitividade e na falta de ética, o personagem interna-se num sanatório para restabelecer-se de um colapso nervoso e, por esse motivo, é demitido da empresa onde trabalha como jornalista. No sanatório, A., devido ao excesso de remédios, adormece por um longo período e tem um sonho no qual, em meio a cenas fantásticas imaginadas, faz uma avaliação de fatos marcantes de sua vida, recuperados pela memória.

O romance abole o enredo linear, as situações bem definidas e resolvidas e a narração centrada em apenas um ângulo de visão. Num jogo de troca de espaço e de tempo, a narração salta de um estado de espírito individual para outro, entrecortando a história de A. com a da vida de outro personagem, T., uma espécie de antípoda psicológico do protagonista. Além da alternância de focalização, tais cortes narrativos são ocasionados pelas súbitas passagens para os planos da memória, da imaginação ou do sonho do protagonista A., que se misturam com a realidade, criando-se uma atmosfera de angústia e loucura. Esse modo de manipulação dos elementos estruturais identifica-se com a atitude do escritor moderno, que “registra as impressões e associações passageiras que flutuam nas mentes dos personagens, alimentadas por visões oníricas”, numa tentativa de representação do funcionamento do pensamento, da divagação e do inconsciente humanos, segundo a percepção de Mendilow (1972, p. 203), em seu estudo sobre as estratégias de ordenação do tempo na narrativa.

Baseada nessa mescla de lembrança e delírio, a construção fragmentária da narrativa se faz, ainda, pela articulação de diferentes formas de manifestação discursiva, tais como cartas, notícias de jornais e revistas, documentário e crônica, caracterizando-se o romance pelo hibridismo de gêneros. A predominância das variações de estilo e de gênero, da inversão cronológica dos acontecimentos com a irrupção do passado no presente, ou do inconsciente no consciente, são traços

que, desde então, irão marcar a maior parte da produção literária de Antônio Torres.

Rosenfeld (1985, p. 90), ao discorrer sobre as tendências estruturais da literatura moderna do século XX e sua relação com a realidade tumultuada que representa, afirma que artifícios como esses a que Antônio Torres recorre, responsáveis por desestabilizar as linhas rígidas das categorias narrativas do romance convencional, “são a expressão formal precisa de um mundo em que a continuidade do tempo empírico e o eu coerente já não têm sentido”. De acordo com este raciocínio, podemos observar que os procedimentos utilizados por Torres corroboram na representação do universo turbulento da história do romance. A linguagem voltada para o coloquial, repleta de expressões orais, gírias e incorreções gramaticais e a preferência pela frase curta, pela condensação, imprimem um ritmo ágil ao texto, intensificando o efeito de caoticidade, sem comprometer a capacidade de reflexão aprofundada do narrador A.

No sonho, em que o protagonista revisita seu passado, sobressaem as lembranças de histórias de sua vida profissional e afetiva, transcorridas numa diversidade de espaços que se alternam, basicamente, entre as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e o interior do Norte e do Nordeste do Brasil. A. recorda-se de sua passagem por lugares como os estados do Pará, Maranhão, Ceará e Bahia e, por intermédio de um insólito presente recebido de um amigo, um helicóptero autocontrolado, revê alguns locais onde viveu ou que freqüentou na cidade de São Paulo.

A lembrança de tais viagens abre a possibilidade de registro, pelo personagem jornalista, dos problemas sociais enfrentados pelos habitantes de diferentes localidades do país, de modo que, em muitos momentos, seu discurso adquire um caráter documental. Nessas viagens, alguns personagens exercem a função de denunciadores das condições de vida locais (entre eles o caminhoneiro Floriano e

o revendedor de gasolina no Ceará), a partir da exposição de suas experiências pessoais. A., por sua vez, coloca-se no papel de um interlocutor confidente desses depoentes, conduzindo o discurso narrativo, em alguns trechos, em forma de entrevista, num diálogo desenvolvido pela seqüência de perguntas e respostas:

— Você engraxa sapatos há muito tempo, não?

— Desde que me entendo por gente.

[...]

— Você falou que nasceu no fim da guerra. Como é que você sabe dessa guerra?

— Vendo filmes, no cinema. Tem uns pulgueiros bem baratos e eu me enfio neles, sempre que posso. Os alemães se foderam, não foi?

— Você sabe ler?

— Mais ou menos. Só que não tenho saco para leitura. Vejo os cabeçalhos e tiro minhas conclusões.

— Quanto você ganha por dia?

— Uns 20, 25 cruzeiros.

— Todo dia?

— Nem sempre. Tem dia que eu rodo Copacabana inteira, umas três vezes e não faço nada. Dia de chuva, mesmo, é um desastre. Aí tenho de morder uma nota com um garçom desses para voltar pra casa. Eles são muito meus amigos. Já me quebraram grandes galhos.

— Nunca pensou em fazer outra coisa? (TORRES, 2002, p. 139)

Desse modo, a partir do relato de suas próprias observações e da reprodução dos relatos de outros, presentes em sua memória, A., numa sondagem dos problemas específicos, tanto de áreas periféricas quanto de grandes centros urbanos, constrói um painel social que evidencia os contrastes e semelhanças das condições de vida em diferentes regiões do Brasil. Com a focalização da trajetória de um personagem migrante, avulta no romance a representação de um período da história brasileira em que ocorre um processo de industrialização e de modernização do país, iniciada na segunda metade do século XX, como descreve Pellegrini (2002, p. 358-359). Desse

processo, segundo a autora, deriva a intensificação do êxodo rural e o decorrente inchaço das cidades, retratados nesse e em romances posteriores de Antônio Torres de forma característica, a revelar a convivência do progresso com o atraso, da riqueza com a miséria.

Da representação desse momento de transições na sociedade brasileira, resultam também personagens, como A., que sofrem, na constituição de sua interioridade, as conseqüências da vivência nesse contexto. Mesmo adaptado ao ritmo da cidade, o personagem, volta e meia, redesenha o passado no sertão, tomando-o como referência para interpretar o presente. Dada essa peculiaridade, *Um cão uivando para a lua*, apesar de privilegiar o ambiente citadino, acaba não se caracterizando como um romance legitimamente urbano, conforme o definido por Antonio Candido (1971, p. 48), em que os personagens e problemas estão desligados de qualquer *background* rural, aproximando-se mais da ideia de “romance de urbanização”, sugerida por Fernando Cerisara Gil. Nessa categoria, segundo este autor, inserem-se narrativas que apresentam o deslocamento de personagens de esferas sociais pouco urbanizadas para espaços sociais supostamente mais modernos:

O que está em jogo no romance de urbanização, de modo geral, é o conflito de dois tempos históricos distintos que correspondem a espaços e valores sociais e culturais também diversos e que, até certo ponto, formalizam-se no nível estético como irreconciliáveis para a vida do nosso protagonista. De um lado, têm-se o tempo presente da cidade, da vida urbana; de outro, o passado do campo da vida rural. [...] O seu discurso somente pode ser articulado como exposição dessas duas pontas que todavia não podem ser unidas. (GIL, 1999, p. 73)

Levando em conta o processo histórico brasileiro de inserção do indivíduo oriundo do campo no contexto citadino, Gil aponta na representação literária, com destaque a certas obras, a presença de um “dualismo” no qual “uma perspectiva referenciada pela experiên-

cia tradicional, rural e patriarcal” se opõe à “experiência moderna, urbana e burguesa”, resultando do atrito desses dois prismas uma “tensão irresolvida” (GIL, 1999, p. 126). Em seu romance, Antônio Torres se debruça sobre o problema de duas realidades nacionais aparentemente inconciliáveis: o sistema rústico do sertão nordestino não deixa de ser revisitado nas lembranças de A., mesmo com a fácil integração do personagem à vida na capital paulista, embora sem a cogitação de retorno a essa antiga conjuntura.

Na retrospectiva de suas experiências, ativada pelo sonho, A. reconstrói não apenas a dura realidade vivida em sua terra natal, na infância, mas também a realidade presenciada em suas viagens de trabalho, como a situação calamitosa dos povoados do interior do Maranhão, atingidos pela seca e que têm seu cotidiano regido pelos fatores naturais, sem a intervenção do Estado: “A paisagem é desoladora, miserável, sofrida. Falta água limpa.” (TORRES, 2002, p. 64). Essas imagens provocam no personagem uma associação com sua infância no sertão, fazendo-o recordar – numa outra instância diegética, que se apresenta como uma lembrança dentro da lembrança, ao modo da narrativa em gavetas, procedimento bastante utilizado por Antônio Torres, em seus romances memorialistas – o sofrimento proveniente da escassez de água e da falta de saneamento, responsáveis por verminoses e outros problemas de saúde que acometiam os meninos de sua idade.

Em sua passagem pela rodovia Belém-Brasília, A. testemunha diversos problemas, entre os quais o alto índice de natalidade, ao observar famílias numerosas que se amontoam em casebres, a desnutrição infantil, crianças trabalhando ao invés de estarem na escola, e o elevado número de assassinatos por pistoleiros que fazem do lugar uma terra sem lei. Em outra de suas lembranças de criança, o personagem, com um olhar crítico, recorda-se da intensidade das crendices e dos rituais religiosos no sertão, manifestados em peregrinações,

penitências e na venda de amuletos, o que faz ressaltar a exploração comercial da fé e a alienação política do povo, que atribuía aos seus pecados os problemas decorrentes da ausência de ações governamentais. Numa de suas viagens, A. recorda-se também da última vez que visitou os pais na sua terra natal, constatando, ao descrever o ambiente sertanejo degradado com que se depara, que nada mudou em relação à precariedade que vivenciara em sua meninice:

Estava numa casinha acanhada e muito pobre, que tinha as paredes rachadas e lagartixas cochilando nos caibros da cobertura sem forro. Ao fundo, um pequeno quintal enlameado, para alegria das moscas. Os meninos, descalços e sem camisa, brincavam na rua, uma desleixada rua descalça.

[...]

“Percorremos várias casas, todas marcadas pelo mesmo abandono e miséria”. (TORRES, 2002, p. 134).

Nota-se que a narração das lembranças de A. sobre os lugares que conhecera no interior do país ou sobre sua infância no vilarejo do sertão baiano produz uma imagem disfórica dessas regiões. Em seu discurso, sobressai um forte teor denunciativo, ao revelar o maior descaso das instituições públicas em relação a determinadas áreas do território nacional.

A atividade memorialística de A. também é responsável, em parte, por mapear o espaço urbano onde viveu, sobretudo o da São Paulo de sua juventude, onde, ao chegar, teve de enfrentar enormes dificuldades. O personagem-narrador aborda o problema do desemprego, das péssimas condições de moradia dos emigrantes nordestinos pobres, que “se afavelavam em guetos” (TORRES, 2002, p. 90) e da marginalização que sofriam: “Eles pagam por todos os crimes do local, quer sejam os autores ou não.” (TORRES, 2002, p. 120). Ressalta, também, o ambiente degradante das áreas periféricas da cidade (“Não me lembro de ter visto nada mais deprimente do que aquela rua, cheia de caminhões e esgoto aberto. O mau cheiro

era insuportável.”, TORRES, 2002, p. 90) e o estilo e a qualidade das habitações em que a população paulistana, em geral, se sujeita a viver, trancafiada em edifícios de minúsculos apartamentos, isolada dentro de sua coletividade: “Lá embaixo estava aquele monte de caixotes empilhados, os engradados onde oito milhões (seriam mesmo oito?) se engarrafavam.” (TORRES, 2002, p. 120)

Entre outros recursos narrativos para caracterizar o ambiente urbano que seu romance retrata, além da memória e do sonho de A., Antônio Torres utiliza a inserção, no texto, de notícias de revistas que o personagem lê no sanatório, as quais indicam datas e locais específicos, o nome completo de pessoas envolvidas nos fatos e do veículo de informação, para fornecer ao leitor uma ilusão de veracidade. Nesses trechos, ganham destaque a criminalidade nas metrópoles e a insensibilidade e o individualismo de seus cidadãos. Conforme destaca Hélio Pólvora, *Um cão uivando para a lua* é, no geral, “o romance da fossa generalizada. Parte da angústia individual ‘aquele negócio horrível por dentro’, e atinge um sentimento coletivo de paranóia frenética” (2002, p. 181). Pois, “os jornais refletem o mundo caótico de hoje varrido pelo vento da violência, [...] Por toda parte assassinatos, assaltos, suicídios, mendicância, prostituição. Sobreviver é a coisa mais importante. [...] A sobrevivência exige nervos fortes, uma estrutura de aço. O progresso tem um custo social altíssimo.”

Como representante prototípico dessa lógica social urbana reificada que A. repudia, em que o aspecto humano é banalizado, está o personagem T. Realizando um contraponto com o protagonista, T. é um profissional de comunicação, respeitado e bem sucedido, mas de caráter frio e egoísta, que se satisfaz com as tragédias do mundo, transformando-as em espetáculo de televisão para ganhar dinheiro. No entanto, a exploração de sua vida privada pelo narrador desvela, por trás do sucesso e da riqueza, uma realidade permeada por pro-

blemas de desestruturação familiar, amizades artificiais, protocolos e aparências.

No início e no final do romance, T. desenvolve uma conversa imaginária com uma estrela e com um espelho, respectivamente, os quais, na verdade, servem como representação de sua consciência. O diálogo com esses atores animizados é um recurso utilizado pelo autor para desvendar a interioridade do personagem, pois T. não apresenta o traço da autorreflexão em sua caracterização. Nesses momentos, ao ser questionado por esses seres a respeito de suas atitudes e de seus sentimentos, o personagem ensaia uma problematização de sua vida que, no entanto, não se realiza, pois ele a interrompe para tratar de outras questões de ordem prática. O surgimento desses diálogos inconclusos sobre si mesmo, apenas no início e no fim do romance, e nos quais ele não demonstra preocupação com os problemas do outro, revela a caracterização rígida e constante de T., que não evolui no decorrer da história. Nos trechos em que esse personagem é focalizado, a trama é contada por um narrador em terceira pessoa, onisciente, enquanto que o personagem A. narra a própria experiência, em primeira pessoa, com maior ênfase na sua introspecção e na sua subjetividade. De caracterização psicológica mais complexa, A. sofre com o funcionamento de um mundo corrupto e hipócrita, onde não há lugar para a honestidade. Ele reluta em fazer parte dessa engrenagem e, por isso, não consegue estabelecer-se no jornalismo, pois o mercado exige que o profissional obedeça aos interesses ideológicos e financeiros das empresas de comunicação, manipulando a informação a serviço delas.

Dotado de uma profunda consciência da realidade social e caracterizado por um sentimento de incômodo a respeito das relações humanas deterioradas, o que o leva a um senso de justiça vã, A. é incompreendido e considerado louco. Inconformado com a situação de seu próprio espaço, ele se enquadra no tipo de herói “problemáti-

co” do gênero romanesco, segundo a proposição de Lukács, marcado pela impossibilidade de conciliação entre a sua interioridade e o mundo, bem como pela busca de valores autênticos num universo corrompido: “O estado de herói tornou-se desta forma polêmico e problemático; já não constitui a forma natural da existência na esfera das essências, mas um esforço para se elevar acima do que é puramente humano, massa ou instintos.” (LUKÁCS, s. d., p. 46)

Em meio à resignação e à frieza dominantes no ambiente urbano onde vive, A. se apresenta como um herói solitário contra a alienação, tentando seguir suas convicções e alcançar reconhecimento de maneira honesta. Contudo, seu pensamento não passa de idealismo abstrato e esbarra na realidade, que impede as possibilidades consistentes de sua realização. Assim, sem conseguir satisfazer seu desejo utópico de viver integralmente, cumprindo sua trajetória fadada ao fracasso, ele se entrega ao sistema, pois percebe a natureza improfícua de sua busca. A. é um personagem que vivencia a frustração da perda da ilusão por possuir uma consciência, embora diferenciada em relação à maior parte das pessoas, estreita em relação à complexidade do mundo. Ele ilude-se com a vontade de conciliar o ideal de solidariedade humana com sua existência solitária num universo corrompido.

Ao buscar refugiar-se da loucura generalizada do dia-a-dia, procurando, paradoxalmente, num sanatório uma espécie de exílio voluntário, A. não obtém êxito, pois, nesse lugar, o desenrolar da memória e do sonho, como tentativas de autoproteção pela imersão em sua interioridade, reflete exatamente o que se passa no mundo exterior a essas instâncias: a imagem de uma sociedade com valores distorcidos entre a qual o personagem transita em seu sonho é a mesma produzida pelo conjunto de notícias que ele lê sobre o que acontece fora da clínica. Desse modo, A. constata que, neste local, não há possibilidade de amenizar seus conflitos existenciais, por não conseguir desligar-se dos problemas da humanidade que o afligem.

Do lado de fora do internato, diante das atrocidades que presencia, como conseqüências de uma estrutura social onde o absurdo parece ser a norma – como a célebre história de *O alienista*, de Machado de Assis, na qual são postos em xeque os critérios para se definir o estado de lucidez do homem –, o personagem indaga-se: “O que é que eu posso fazer aqui fora, no meio de tanta loucura? Os automóveis estão loucos, os táxis estão loucos, os ônibus loucos, as motos loucas, os homens na rua estão loucos. Mas quem está confinado num sanatório? Quem é, oficialmente, com registro e tudo, o louco?” (TORRES, 2002, p. 137)

O título *Um cão uivando para a lua* remete ao *topos* da loucura explorado em seu enredo e, no caso do personagem A., o uivo nada mais seria do que a tentativa de dar evasão a um sentimento de angústia e solidão para o qual ele não encontra correspondência. Reflete o desespero do personagem em comunicar sua perplexidade com o *status quo* que, além de não ser compreendida, é duramente reprimida pela sociedade e suas instituições.

O suposto estado de insanidade de A. pode ser interpretado como uma forma de perda de sua identidade: se ele procurava um lugar de identificação fora do sertão, com a destruição das promessas de êxito e plenitude na cidade, acaba ficando sem referências. O sanatório onde se interna, lugar tanto de isolamento físico como de enclausuramento psicológico, que desperta idéias de desamparo e de ruína, faz-se uma espécie de não-lugar, território neutro, intermediário do sertão abnegado e da cidade excludente.

A. tem sua crise existencial deflagrada quando sai do espaço estagnante do sertão com o intuito de adquirir um crescimento, não apenas sócio-econômico, mas também humanístico, na grande cidade e descobre que, nela, os habitantes também são vítimas de um sistema excludente, embora sofram as conseqüências dessa exclusão de modo diferente, com seus problemas específicos. A cidade traz

apenas uma ilusão de liberdade para a grande massa alienada, que tem suas vontades direcionadas e sua posição previamente marcada nas relações de poder. Essa população, como que “anestesiada” por influência ou imposição das autoridades, do trabalho e dos meios de comunicação, acaba assimilando com naturalidade as injustiças e a violência a que está cada vez mais exposta. A indignação com um presente inóspito na cidade e a recusa de um, ainda ecoante, passado triste no sertão, instauram a identidade partida do personagem, que não encontra repouso para seus conflitos nem num sanatório. Sem ter para onde fugir e sem encontrar resolução para seus impasses, A. termina aceitando um emprego na TV, oferecido pelo prodigioso T., e volta para o convívio com a sociedade “normal”, rendendo-se à sua mecânica e abdicando de suas aspirações reformistas. Caracterizado pelo pessimismo, o romance, num jogo entre sonho e realidade e, muitas vezes, pelas vias do humor e da ironia, descreve a linha trágica do personagem angustiado com os problemas de sua sociedade, fechado em suas desesperanças.

Um cão uivando para a lua, ao eleger a cidade como espaço primordial, não traz como instauradora de conflitos apenas a tensão desse ambiente central com a procedência periférica do personagem, direcionando seu foco, principalmente, para os desafios profissionais e as diferenças de classe que definem o papel do indivíduo na sociedade urbana. A., apesar de suas lembranças do passado vivido no campo portarem um conteúdo negativo, reconhece que essa fase constitui, em parte, sua essência. A situação de carência experimentada na juventude no sertão concede ao personagem a consciência da realidade social, uma visão de fora, necessária para encarar os problemas da cidade com espírito analítico, sem se deixar contaminar pela insensibilidade predominante no cotidiano desse espaço. Apenas ele verifica na sociedade uma espécie de desumanização, em decorrência da busca frenética por ascensão profissional e financeira. Ao fim, ao entregar-se, conscientemente, ao processo de alienação a

que o trabalho, nesse espaço regulado pela eficiência na apresentação de resultados a qualquer custo, expõe os indivíduos, o protagonista conclui sua imagem de sujeito contemporâneo agrilhado à engrenagem da arbitrária organização social, em um romance que põe à mostra o absurdo da condição humana.

Referências

- CANDIDO, Antonio. Entre campo e cidade. In: _____. *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971, p. 29-56.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Uma questão de coragem (posfácio). In: TORRES, Antônio. *Um cão uivando para a lua*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 183-185.
- GIL, Fernando. Cerisara. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 1999.
- LUKÀCS, G. *A teoria do romance*. trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, s.d.
- MENDILOW, Adam Abraham. *O tempo e o romance*. trad. Flávio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.
- PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. In: *Revista de Filologia Románica*, Madrid, n. 19, 2002, p. 355-370.
- PÓLVORA, Hélio. Escolher a dor (posfácio). In: TORRES, Antônio. *Um cão uivando para a lua*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 180-183.
- ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. *Texto/contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 75-97.
- TORRES, Antônio. *Um cão uivando para a lua*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.